



O Projeto Político Pedagógico e a realidade da escola

Flávia Gomes¹

PPP, o que é isso?

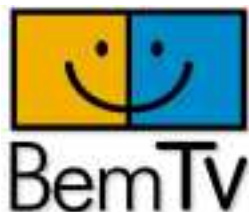
“TPM disfarçada”, “um partido político”, “Partido do Palhaço Pintado”, “um palavrão ao cubo”, “uma gíria nova, Pegamos Porque Podemos”, “Palhaçada Política Planejada”. Assim, alunos da Escola Estadual Maria Pereira das Neves, no Morro do Preventório, em Niterói, “definiram” a sigla acima. Nenhum deles chegou perto do verdadeiro significado, apesar do PPP estar muito mais próximo deles do que imaginam. PPP significa Projeto Político Pedagógico e trata-se de um documento que contém um planejamento que direciona “a ação pedagógica da escola, definida pela visão dos educadores, em relação à legislação educacional vigente e à sua realidade escolar”, como consta no “Portal Multirio” (www.multirio.rj.gov.br). Na teoria, é feito coletivamente por alunos, pais, direção, professores, serventes, enfim, a comunidade escolar em geral, representando assim a possibilidade de formação de uma identidade escolar e comunitária, buscando a pluralidade e diversificação da realidade em que a escola se encontra.

Mas será que o PPP realmente identifica a realidade da escola? Será que é só mais uma obrigação para esta? Será que é efetivo ou é só mais um sonho lindo na gaveta? Para Regina Dayer, orientadora pedagógica da Escola Estadual Maria Pereira das Neves, é efetivo sim.

- As questões são trabalhadas de acordo com a realidade dos alunos, procurando sempre ampliá-la, e os professores trabalham as mesmas questões em cada matéria sem deixar que se torne algo fragmentado - diz Regina.

Já para Mário Miranda, antropólogo, professor universitário e da rede estadual de ensino, é só uma formalidade, apesar de permitir o diálogo entre direção e professores.

¹ Flávia Gomes é integrante do grupo de jovens Olho Vivo, assessorado pela Bem Tv. Esta matéria foi publicada no jornal *Palavra do Morro*, em outubro de 2005.



- O PPP serve para muito pouco. Na prática, cumpre uma formalidade, é mais uma coisa a ser cumprida pelos professores, diretores, é mais uma cobrança. Mas ao mesmo tempo é legal por ser um espaço que promove o encontro, a troca de idéias – afirma.

O PPP está diretamente ligado ao compromisso sócio-cultural que a escola terá num ano letivo. Ele é político por formar um cidadão para a sociedade. E é pedagógico porque faz da escola um espaço de criação de um cidadão participativo, criativo, responsável, compromissado e crítico. Mas que sociedade é essa? Se não definirmos este termo, qualquer proposta pode ser encaixada no PPP. Segundo Edmerson dos Santos Reis, no texto “Projeto Político Pedagógico: moda, exigência ou tomada de consciência?” (disponível em <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/gppp01.htm>), “pensar um projeto de educação implica pensar o tipo e qualidade de escola, a concepção de homem e de sociedade que se pretende construir”.

Assim como Mário Miranda, muitas pessoas sentem que, na prática, o PPP não funciona. Para Edmerson Reis, nada que é imposto de cima para baixo, ou seja, do governo para aqueles que fazem o dia-a-dia da escola, pode funcionar.

O PPP é uma obrigação que as escolas têm que cumprir, ao lado de outras impostas pelas Secretarias de Educação. São diretrizes encaminhadas para todas as escolas, independente da cultura local, e aí muitos dos objetivos identificados pela escola vão sendo deixados para trás, como acontece no Colégio Estadual Fernando Magalhães, em Jurujuba, comunidade vizinha ao Preventório.

- Este ano o secretário de educação lançou um monte de novidades e muitas das metas que a gente tinha estabelecido não foram perseguidas para dar prioridade às que chegaram da secretaria – esclarece Beatriz Trezze, diretora do colégio.

Outras escolas tentam conciliar a demanda da secretaria com os temas e ações priorizados pela comunidade escolar, como explica Regina Dayer.

- Procuramos unir o que eles querem que seja feito com o que nós achamos prazeroso de ser trabalhado – explica a orientadora pedagógica.



Outra pergunta a se fazer em relação aos objetivos do Projeto Político Pedagógico é se, na prática, são dadas as condições necessárias para o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico dos alunos. Não há como formar cidadãos críticos, por exemplo, sem colocar em pauta assuntos que estão no dia-a-dia dos estudantes, que são falados na televisão, na rádio, na internet e em outras mídias, ou nem são comentados, mas que estão presentes o tempo todo.

- Para mim, parece chocante acharem exótico eu tratar de alguns temas extremamente importantes para o cotidiano, para a socialização de um ser humano, como, por exemplo, sexo, entorpecentes, morte, religião. Até os alunos estranham, porque não estão acostumados. A escola não vem cumprindo um papel de tratar de assuntos que ditam as questões de lutar pelos direitos coletivos, de se trabalhar em grupo, até mesmo com quem não se gosta – acredita o professor Mário Miranda.

Talvez isso ajude a explicar o desconhecimento dos alunos sobre o PPP. Se o projeto era para ser feito com toda a comunidade escolar, como os estudantes não sabem o que é o PPP? Agora, de quem é a culpa? É a escola que não convoca os alunos ou são eles que não se sentem parte dela a ponto de se interessar? Será que há um culpado?

Mais importante do que procurar culpados é fazer da escola um lugar prazeroso, um lugar de trocas e de respeito, um lugar onde todos se sintam parte, sejam parte, se integrando aos temas e ações que constroem o cotidiano escolar.